



O “CAMPUS DAS ARTES” DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE E O PROGRAMA MONUMENTA LARANJEIRAS: DOS PERCALÇOS DO PROJETO À DIFÍCIL SITUAÇÃO ATUAL

BAETA, RODRIGO E. (1); NERY, JULIANA E. (2); RODOMAR, VENÍCIA C. (3)

1. FAUFBA, MP-CECRE UFBA, PPGAU UFBA
Rua Rosa dos Ventos, 39 / 1001, Salvador / BA, 49.286-040
rodrigobaeta@yahoo.com.br

2. FAUFBA, MP-CECRE UFBA, PPGAU UFBA
Rua Rosa dos Ventos, 39 / 1001, Salvador / BA, 49.286-040
Jcnery19@yahoo.com.br@yahoo.com.br

3. Arquiteta Especialista pelo CECRE- UFBA
Pça Tobias Barreto, 220 / 402, Aracaju / SE, 49.015-130
veniciarodomar@hotmail.com

RESUMO

O complexo edificado escolhido para a implantação do Programa Monumenta, em Laranjeiras, foi definido pela Unidade Executora de Projeto (UEP), pelo IPHAN e pelo grupo de professores e alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes que desenvolveu os projetos de intervenção. Optou-se por concentrar os esforços na Praça Samuel de Oliveira – onde se destacava um conjunto de trapiches arruinados à beira do Rio Cotinguiba. Optou-se por concentrar os esforços na Praça Samuel de Oliveira – onde se destacava um conjunto de trapiches arruinados à beira do Rio Cotinguiba. O Quarteirão dos Trapiches deveria acolher um curso universitário de licenciatura visando a criação de uma nova dinâmica urbana que, associada à conservação e readequação do patrimônio construído, buscasse garantir a preservação e revitalização do patrimônio histórico e cultural da cidade, bem como a utilização plena desse patrimônio de forma sustentável. Três anos depois, em agosto de 2006, foi assinado o protocolo de cooperação entre a União, o Estado de Sergipe, o Município de Laranjeiras e a Universidade Federal de Sergipe, para a implantação do “Campus das Artes” no Quarteirão dos Trapiches – complexo universitário que serviria para abrigar cursos de Arquitetura, Arqueologia, Museologia, Dança e Teatro (contrariando a proposta inicial fundada na implantação de um único curso de licenciatura). Durante mais de dois anos (a partir de março de 2007), enquanto eram executadas as obras de restauração e revitalização do Quarteirão dos Trapiches, os cursos funcionaram provisoriamente nas instalações do Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), recebendo seu novo espaço apenas em julho de 2009. É possível perceber que, desde então, os impactos sociais suscitados pela inserção do complexo universitário na cidade têm criado

inúmeros problemas – fundados, a princípio, no difícil convívio entre a comunidade local e os novos atores (funcionários, professores e alunos) que passaram a frequentar diariamente o núcleo urbano tradicional. De fato, graves conflitos causaram a relocação de turmas dos cursos noturnos de teatro e dança para o Campus de São Cristóvão, nas proximidades de Aracaju. O objetivo desse trabalho é – através da análise do processo de elaboração do projeto, da sua execução, da implantação do campus e de sua ocupação posterior – formular hipóteses e buscar possíveis explicações sobre a aparente falência da proposta do Programa Monumenta em Laranjeiras.

Palavras-chave: Laranjeiras; Programa Monumenta; Campus das Artes.

ABSTRACT

The built complex selected for the implementation of the Programa Monumenta Laranjeiras was defined by the Unidade Executora de Projeto (UEP), by the IPHAN and the group of professors and students of the Architecture and Urbanism Course of Universidade Tiradentes, which developed the intervention projects. It was decided to concentrate efforts on Samuel de Oliveira Square – where a group of ruined buildings stood on the edge of the Cotinguiba River. The Quarteirão dos Trapiches should host a university degree course aiming at the creation of a new urban dynamics that, together with the conservation and re-adaptation of the built heritage, sought to guarantee the preservation and revitalization of the city's historical and cultural heritage, as well as the full utilization of this heritage in a sustainable manner. Three years later, in August 2006, a cooperation protocol was signed between the Union, the State of Sergipe, the Municipality of Laranjeiras and the Universidade Federal de Sergipe, for the implementation of the "Campus das Artes" in the Quarteirão dos Trapiches complex which would serve to house courses in Architecture, Archeology, Museology, Dance and Theater (contrary to the initial proposal based on the implementation of a single licentiate course). For more than two years (as of March 2007), while the restoration and revitalization works of the Trapiches Quarter were carried out, the courses functioned provisionally in the facilities of the Center for Integral Attention to the Child (CAIC), receiving its new space only In July 2009. It is possible to see that since then, the social impacts of the insertion of the university complex in the city have created many problems – based, in the beginning, on the difficult relationship between the local community and the new actors (employees, teachers and students) who started attending daily the traditional urban nucleus. In fact, serious conflicts caused the relocation of classes from the night courses of Theater and Dance to the Campus of São Cristóvão, near Aracaju. The objective of this work is – through the analysis of the process of project design, its implementation, the implementation of the campus and its later occupation – to formulate hypotheses and seek possible explanations about the apparent collapse of the proposal of the Programa Monumenta in Laranjeiras.

Keywords: Laranjeiras; Programa Monumenta; Campus das Artes.

INTRODUÇÃO

O Monumenta foi um programa de recuperação do patrimônio histórico urbano brasileiro, tutelado pelo governo federal via Ministério da Cultura, fomentado, em grande parte, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) – gestado desde 1995, iniciado em 2000 e finalizado em 2009. Esse programa impactou de tal maneira a política pública patrimonial no Brasil e as formas de intervenção nos sítios históricos institucionalmente reconhecidos que se transformou na base para o maior instrumento direcionado para a preservação no país na atualidade – o PAC Cidades Históricas¹. As áreas de atuação do programa foram sítios históricos e conjuntos urbanos de monumentos nacionais tombados pelo IPHAN e situados dentro dos perímetros dos municípios, num total de 26 cidades – dentre elas, Laranjeiras, em Sergipe, tombada em 1996.

A área de projeto para a implantação do Monumenta, em Laranjeiras, correspondeu ao núcleo central da cidade, que possui apenas um monumento tombado individualmente pelo IPHAN – a Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus – não contendo edifícios isolados de grande excepcionalidade; sua relevância e riqueza se encontram no conjunto composto por uma arquitetura civil imponente e a configuração de seus espaços públicos, circundados pela paisagem natural formada por morros – em parte degradados.

Devido ao avançado estado de arruinamento em que se encontravam alguns desses edifícios, era grave o aspecto de abandono do espaço urbano.

Em busca de reverter essa situação, a Unidade Executora de Projeto (UEP) – braço do Monumenta na cidade, o Instituto de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional (IPHAN) e o grupo de professores e alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes (UNIT – Aracaju) que desenvolveu as propostas de intervenção, optaram – dentro das várias ações definidas pela Oficina de Planejamento (com envolvimento da comunidade local) que precedeu a implantação do Programa (MONUMENTA, 2002) – por concentrar os recursos do Monumenta no conjunto da Praça Samuel de Oliveira devido à excepcionalidade do espaço e à

¹ Programa que sucedeu o Monumenta como parte de uma nova estratégia de preservação do patrimônio cultural, articulada às demais políticas públicas, especialmente àquelas de caráter social e econômico e, sobretudo, comprometidas com o desenvolvimento local e sustentável, proporcionando incentivos à melhoria da qualidade de vida e da infraestrutura.

urgência de sua recuperação, bem como pelas características históricas, morfológicas e estéticas de Laranjeiras.

Essa opção também teve outras motivações: dentre elas, o fato desse conjunto estar em local privilegiado no centro da cidade e ser um de seus principais destaques, além de encontrar-se, à época, em pior estado de conservação – frente a toda a área de intervenção. A compatibilidade entre o sítio no qual se assentavam os edifícios escolhidos e a necessidade de estruturas arquitetônicas que pudessem abrigar um curso universitário de licenciatura (elemento chave na estratégia do projeto), também foi fator determinante nessa escolha. Por fim, como os recursos destinados não seriam suficientes para todas as ações propostas na oficina de planejamento supracitada e as demais áreas e edificações apontadas se encontravam em razoável estado de conservação, não necessitando de intervenção tão imediata, a decisão de concentrar os recursos nesse conjunto se mostrava, mais uma vez, acertada.

A implantação do já citado curso universitário visava criar uma nova dinâmica urbana que atrelada às ações associadas de conservação e readequação do patrimônio construído buscasse garantir a preservação e revitalização do patrimônio histórico e cultural da cidade, bem como a utilização plena desse patrimônio de forma sustentável. Sabendo que a área de intervenção do programa não contemplaria o município em sua totalidade, todos os projetos propostos tiveram como premissa básica ser fonte propulsora de futuras intervenções e atingir, indiretamente, as regiões não trabalhadas, através de uma leitura urbana abrangente.

Mais do que um mero atrativo turístico, a estratégia do Projeto Laranjeiras foi pensar a intervenção como um foco radiador de novas práticas, fazendo com que a população pudesse trazer vida ao espaço da cidade através da sua utilização. A intenção era incorporar ao cotidiano citadino atividades capazes de revitalizar a dinâmica urbana e modificar a condição de cidade dormitório de Aracaju – na qual a sede municipal se encontrava. Por isso, a preservação do patrimônio histórico contemplava imóveis que, além de terem um significado muito grande para a memória regional, traziam de volta a possibilidade de serem vivenciados e utilizados numa proposta aberta e permeável; que convidasse os cidadãos laranjeirenses, de

municípios vizinhos e de outras localidades, a também experimentar esta interação urbana.

ANTECEDENTES - O PERFIL DO PROGRAMA LARANJEIRAS

O perfil do Programa Monumenta para a cidade de Laranjeiras foi definido após a elaboração do *Marco Legal*, que junto à realização da Oficina de Planejamento Participativo – feita através do método ZOPP² –, deram subsídios para o desenvolvimento da *Carta Consulta* que conteria todas as especificidades a serem observadas para a sua elaboração, bem como a definição da área do projeto.

Foi necessário identificar e avaliar as alternativas de atuação ideais para Laranjeiras em busca do perfil que possibilitasse a sustentabilidade local a longo prazo, e isso só poderia ocorrer a partir do relatório da Missão de Identificação patrocinada pelo BID³, realizada em 1996, se:

1. A preservação desses locais a longo prazo fosse uma tarefa assumida por todos os atores envolvidos com a cidade (governo, empresariado, sociedade civil, comunidade);
2. Isso requereria liderança, que seria assumida pela esfera do governo mais próxima do problema, como o suporte necessário para as outras duas instâncias;
3. A ação do governo deveria ser subsidiária à ação privada;
4. Os benefícios sociais (coletivos) gerados pela preservação a partir de ação privada deveria legitimar a outorga de incentivos especiais para facilitar sua incorporação ao esforço de preservar.

Para isso, seria necessário que houvesse a conscientização e consenso popular sobre os objetivos, com enfoque e métodos para a preservação dos locais históricos e culturais, bem como aperfeiçoamento do marco regulatório propício à participação

²Em linhas gerais, trata-se de um método criado nos anos 80 por uma cooperativa técnica de alemães. Esse método foi definido pelo Programa Monumenta como base para atuação e tem por princípio o planejamento de projetos orientado por objetivos, a partir da integração de três elementos: o marco lógico, as técnicas de visualização e moderação, e a sistemática básica de planejamento – que devem ser definidos nas oficinas de participação, a ser realizadas em todas as etapas do projeto, ou seja, na fase de planejamento, de execução e, por fim, na realização da avaliação. Conferir no texto de Miguel Minguillo, *Método ZOPP. Planejamento de Projetos orientado por objetivos*. (MINGUILLO, s.d.)

³ A Missão de Identificação foi uma viagem de reconhecimento, patrocinada pelo Bando Interamericano de Desenvolvimento (BID), para as 05 primeiras cidades que entrariam para o Programa Monumenta. (BID, MONUMENTA, 1996).

criativa do setor privado e o fomento da criação de outros mecanismos de gestão capazes de promover o ajuste de interesse entre os setores públicos e privados.

Mas, para identificar com clareza as especificidades de cada um dos Sítios, e definir as ações prioritárias e necessárias ao cumprimento dos objetivos, seria necessária a contratação de assistências técnicas especializadas, capazes de proporcionar o fortalecimento institucional – principalmente entre as esferas públicas de gestão e também junto ao setor privado –, bem como a definição dos investimentos necessários.

A partir daí iniciou-se a montagem e a elaboração dos perfis individuais de cada um dos municípios contemplados pelo Programa Monumenta, com a realização das Oficinas ZOPP.

Em Laranjeiras, a oficina foi realizada no período de 09 a 12 de setembro de 2002, onde se definiu a estratégia para a recuperação do Patrimônio Histórico de Laranjeiras / SE que tinha como mote o “Patrimônio Histórico de Laranjeiras recuperado e mantido de forma sustentável” (MONUMENTA, 2002). Vale salientar que a metodologia indicava como estratégia a revisão e atualização do *Marco Lógico*⁴ que deveria ser sistematizado durante o ciclo de vida do projeto – ou seja, a realização das oficinas deveria acompanhar todo o processo até o final, podendo promover a avaliação do programa, subsídio para futuras atuações a despeito do PAC Cidades Históricas.

O principal objetivo da oficina foi o de fornecer “subsídios para estratégia de preservação sustentável do patrimônio histórico situado na área de abrangência do Projeto Laranjeiras – Monumenta” (MONUMENTA, 2002) para atender aos objetivos já expostos anteriormente.

Não cabe aqui delinear sobre a *Matriz de Planejamento* formulada. Por outro lado, detalharemos o processo de desenvolvimento dos projetos arquitetônicos para implantação do curso universitário de licenciatura utilizando imóveis recuperados da área de projeto – mais especificamente, o Quarteirão dos Trapiches.

⁴ Um dos três elementos componentes da Metodologia ZOPP. Documento referência para a concepção do plano do projeto, ele traz em si toda a estratégia do projeto, onde podem ser identificados, na sua estrutura matricial, o objetivo global (também chamado de superior ou estratégico), o objetivo do projeto, os resultados esperados (correspondentes aos objetivos específicos) e as atividades ou ações que são os meios para atingir os resultados.

O PRIMEIRO PROJETO DE INTERVENÇÃO

A unidade figurativa de Laranjeiras era formada, especialmente, pela continuidade perspectiva que seu casario oferecia – solução comum aos núcleos coloniais e imperiais, e que estava profundamente fragmentada na cidade de Laranjeiras. Felizmente, as perdas não eram irreversíveis, pois os edifícios arruinados, particularmente o casario componente dos eixos da Praça Samuel de Oliveira e da Rua Getúlio Vargas, preservavam sua caixa mural, situação que se repetia em quase todos os edifícios destacados no Programa.

A reintegração volumétrica de monumentos implantados no mais importante “fato urbano” da cidade (ROSSI, 1995) – o Quarteirão dos Trapiches, na Praça Samuel de Oliveira e o Calçadão da Rua Getúlio Vargas –, não caracterizaria uma ação de restauro no que se refere à condição artística dos prédios isoladamente pois, para o resgate da continuidade estética dos edifícios, não bastaria somente a recuperação de seu espaço exterior, mas também de sua cavidade interna, completamente perdida por degradação, ou alterada pela ação humana. A intervenção proposta assinalaria, na verdade, um processo de restauração da unidade estética do “fato urbano” em questão, o que apontaria, finalmente, para um primeiro impulso de restauro da unidade plena da paisagem urbana da cidade de Laranjeiras (Figura 1).

Por isso, os arquitetos Fernando Márcio de Oliveira e Rodrigo Baeta propuseram operações de remodelamento da unidade figurativa dos edifícios a partir do resgate de suas caixas murais e do “redesenho” contemporâneo das suas cavidades internas – uma concepção de design que uniria a esfera contemporânea, representada pela rearticulação de seu espaço interior, com a imagem oitocentista preexistente, centrada no resgate da caixa mural dos monumentos: o resultado seria a confecção de novas obras de arquitetura, fundadas no confronto sadio entre estes dois tempos históricos e no respeito pela unidade artística da cidade. Buscou-se valorizar a qualidade da estrutura remanescente segundo uma linguagem que privilegiasse mais os espaços livres.



Figura 1: Fotos aéreas de Laranjeiras com destaque para o Quarteirão dos Trapiches na beira do Rio Cotinguiba. Fonte: Acervo da Prefeitura de Laranjeiras, 2003.

Não obstante, a intervenção proposta para o principal equipamento componente do quarteirão, o Trapiche Santo Antônio, apresentaria uma concepção diversa das outras edificações. No caso deste grandioso monumento, o estado de degradação comprometia, para além do interior e do telhado desaparecidos, grande parte da caixa mural – inclusive uma nesga da fachada principal voltada para a Praça Samuel de Oliveira. Neste sentido, o grupo entendeu, em um primeiro momento, que não seria legítimo nem mesmo a recuperação da caixa mural do edifício, optando pela preservação de sua condição de ruína e transformado seu interior (povoado por cenográficos pilares de pedra) em uma praça aberta voltada à comunidade local e à universidade. Na verdade, a imagem arruinada do trapiche já estava plenamente incorporada na apreensão da unidade figurativa da cidade de Laranjeiras, sendo parte de uma nova obra de arte formada pela junção do sítio natural com o casario, com as igrejas e com a própria ruína do trapiche como elemento de destaque – que há pouco tempo despontaria na paisagem urbana.

Voltando-se ao programa arquitetônico de intervenção, ele indicaria o abrigo de um curso de nível superior de licenciatura regido pela Universidade Tiradentes (UNIT), demanda apontada como necessidade local e como possível ponte entre as propostas do Monumenta e a comunidade de Laranjeiras – cuja resistência a ações dessa natureza era notória. Para acolher este novo e complexo uso seria desenvolvido um projeto que previa a apropriação dos espaços internos dos edifícios preexistentes, bem como a construção de um pavilhão de aulas de três pavimentos – parcialmente oculto dentro do quarteirão, na beira do Rio Cotinguiba.

A construção de três andares que seria lançada dentro do quarteirão, parcialmente oculta em relação aos panoramas capturados da cidade – pouco visível por detrás das construções que, sequencialmente, fechariam as testadas da via –, se estenderia até o limite assinalado pelas estruturas remanescentes das ruínas do Trapiche Santo Antônio, não invadindo a sua área que seria ocupada pela praça de integração da cidade com a universidade. Sobre certos aspectos, o edifício recuperaria a sensação de clausura que seria produzida pelos armazéns, integralmente desaparecidos, que estariam originalmente assentados na beira do rio – fato comprovado através da presença de inúmeros vestígios arqueológicos marcados por paredes e pilares de pedra lançados adjacente à margem do Cotinguiba, na face norte do quarteirão. Esse edifício conteria 12 salas de aula de

porte significativo, com a circulação vertical e os banheiros locados em um dos lados menores do edifício – que ganharia um direcionamento longitudinal. As salas seriam alcançadas através de uma circulação que nos andares superiores formaria uma espécie de varanda voltada para a cidade. Não obstante, as duas faces maiores do prédio – que pouco passariam da altura do mais alto Casarão, logo à frente – seriam envoltas por pórticos que venceriam os três andares da construção, mas manteriam as proporções dominantes das fenestrações da cidade de Laranjeiras, e mais especificamente, do Quarteirão dos Trapiches.

Assim, a partir do núcleo central preservado de Laranjeiras, a parte do edifício que seria visível ao vencer a altura das edificações térreas que também comporiam o quarteirão, seria apreendido através de uma imagem que revelaria um organismo arquitetônico contemporâneo, com um telhado de quatro águas e uma sequência de grandes vãos rasgados em profundas sombras, sombras que ocultariam toda a complexa trama de varandas, acessos, serviços, que caracterizaria o organismos funcional. Mesmo os aparelhos de ar condicionado estariam ocultos pela parte fechada dos pórticos. A ideia era promover a simbiose entre uma verdadeira expressão da arquitetura contemporânea e a cidade oitocentista à frente; diluir este objeto moderno no cenário urbano preexistente, sem trazer confrontos ou dissonâncias (Figura 2).

AS ALTERAÇÕES NO PROJETO ORIGINAL

Inicialmente, em meados de 2003, a então Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Sergipe e Alagoas (sediada em Aracaju), em reunião para apresentação da proposta geral através de estudo preliminar, se mostrou favorável à solução apontada, o que levou a equipe de professores e alunos da UNIT a desenvolverem a proposta de intervenção. Porém, logo após ser concluído o anteprojeto, a direção da 8ª Superintendência Regional do IPHAN – apoiada por um emissário da unidade nacional de Brasília – resolveu voltar atrás e embargar uma série de soluções do partido inicial que eram absolutamente essenciais para a coesão funcional e conceitual do projeto.

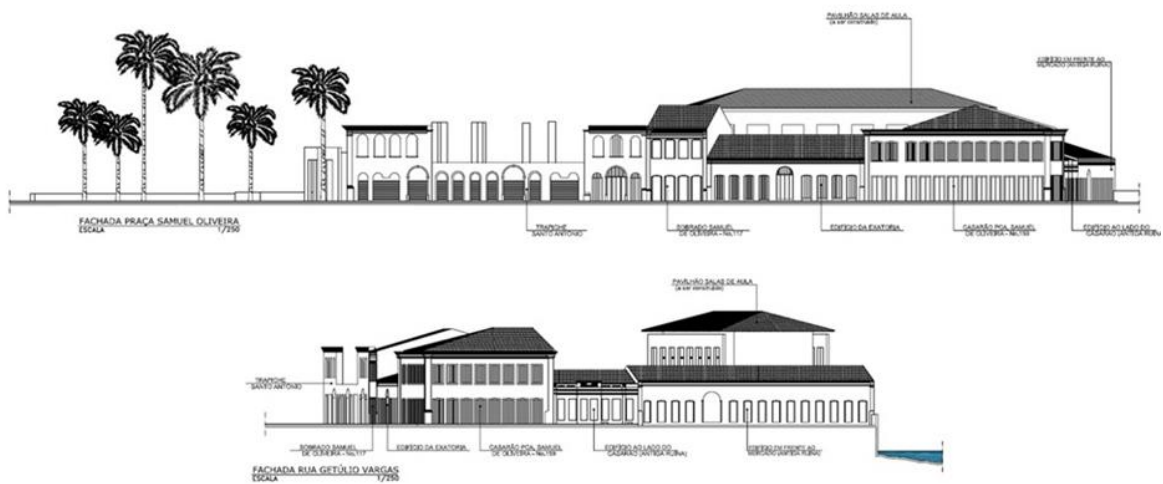
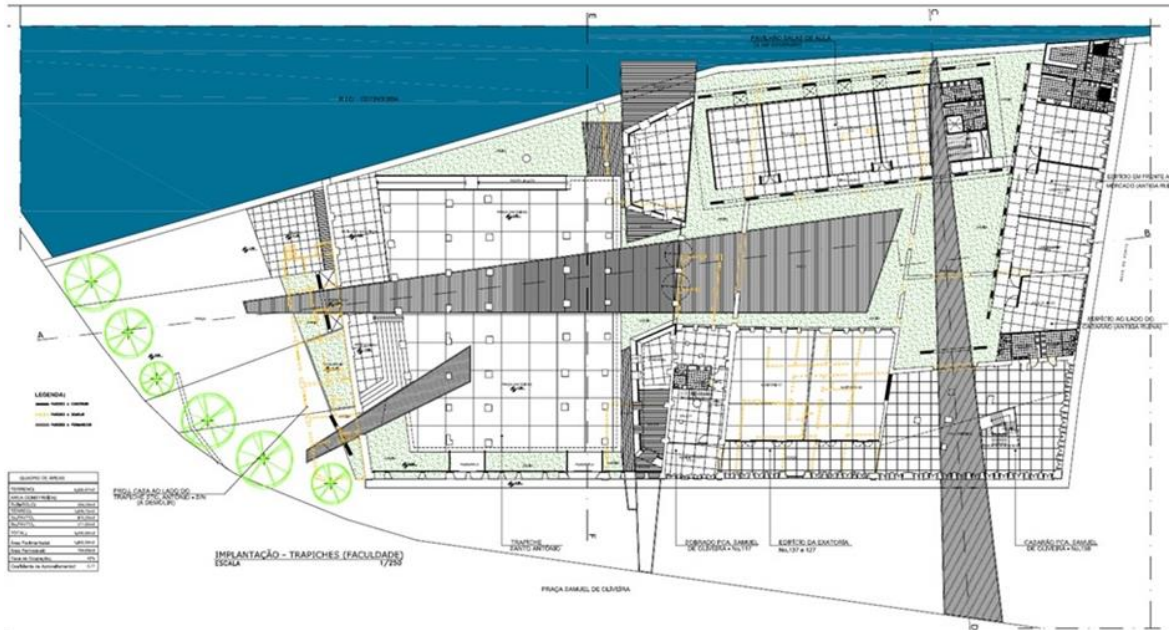


Figura 2: Primeiro projeto de intervenção para o Quarteirão dos Trapiches. Acima: fotos anteriores à intervenção. Meio: Planta do pavimento térreo do primeiro projeto desenvolvido para recuperação do Quarteirão dos Trapiches. Destaque para a Praça dos Pilares de Pedra (à esquerda), para o novo Pavilhão de Aulas (acima) e para os eixos diagonais de integração. Abaixo: Elevação principal do primeiro projeto. Destaque para a fachada arruinada do Trapiche Santo Antônio – que teria a parte superior da parede central (fruto de uma intervenção recente de má qualidade) demolida. Mais abaixo: Elevação Leste da primeira proposta. Notar, nos dois desenhos, a presença do novo Pavilhão de Aulas (com seus pórticos soltos das fachadas) parcialmente oculto por detrás das linhas das edificações. Fonte: Baeta, Oliveira (2003).

Em um primeiro instante, foi colocado à equipe que o pavilhão de aulas teria que ser excluído do projeto – sem nenhuma explicação substancial (que até poderia ser fornecida, dado o caráter polêmico da proposta) – e que este complexo de salas de aula deveria ser abrigado, necessariamente, nas ruínas do Trapiche Santo Antônio, sendo imposta a sua reconstrução tal qual era. Ou seja, a ideia da praça dos pilares como ambiente de integração da população local com o campus da universidade desapareceria por completo; o espaço tornar-se-ia um pátio privativo do complexo, afastando os estudantes da comunidade de Laranjeiras e vice-versa.

Para o novo projeto de intervenção no Trapiche Santo Antônio foi prevista a recuperação da fachada principal, voltada para a Praça Samuel de Oliveira, buscando uma reintegração honesta da parte central do segundo piso perdida, a ser substituída por uma expressão arquitetônica tímida, mas, pelo menos, reconhecível como contemporânea. A partir desta fachada principal seria criado um edifício com uma volumetria que seguiria a lógica da constituição de sua fachada, distribuído no sentido da testada voltada para a Praça Samuel de Oliveira. Desta forma, o organismo recuperado seria unido, sequencialmente, aos outros destaques do Programa Monumenta no processo de resgate do conjunto urbano da cidade: a elevação sul serviria como fechamento de um dos pavilhões de aula a serem construídos, edifício que seria coberto por um telhado equivalente ao que, supostamente, fechava primitivamente a parte da frente do armazém – segundo uma fotografia antiga da década de 1900.

Outro pavilhão deveria ser construído perpendicular ao primeiro, afastado cinco metros da fachada lateral do Trapiche. O motivo do afastamento seria a impossibilidade de aproveitar esta elevação para encerrar uma das faces do pavilhão: a parede remanescente seria um interessante muro de pedra cego que deveria ser preservado em seu aspecto arruinado. Deste modo, o segundo pavilhão (também de dois andares) estaria para dentro da área arruinada do Trapiche, parcialmente visível, por cima do muro, a partir da nova praça aberta através da demolição da pequena casa adjacente ao muro externo. Sua fachada seria tratada pelo mesmo sistema de pórticos que teria sido proposto para a construção de três andares – repudiada pelos responsáveis pela avaliação do primeiro projeto. Por outro lado, os dois pavilhões não estariam conectados fisicamente, para reforçar a independência entre as partes e deixar claro que um sobrado seria fruto da

recuperação de parte do antigo trapiche e o outro prédio, uma construção moderna. Apenas passarelas promoveriam a junção das duas construções através da presença de uma escada e de uma rampa lançadas nas varandas de suas fachadas internas. Para estas faces internas, por sua vez, o sistema de pórticos seria mais uma vez proposto – para amenizar a desagradável imagem que hoje se captura da confusão visual entre as varandas, portas, acessos, escadas, elevador e rampas, o que fragmenta, profundamente, a percepção deste novo cenário – mas foi prontamente recusado pelo IPHAN baseado apenas no gosto pessoal de um dos avaliadores (que não apreciava pórticos, mesmo reconhecendo que seria um artifício melhor para conquistar a integração do edifício com o contexto).

Por outro lado, é importante dizer que estas intervenções não acarretariam na destruição de nenhum dos pilares de pedra remanescentes, apesar de que eles nunca atuariam como a estrutura de sustentação dos pavilhões – edifícios desenhados, cuidadosamente, aproveitando os alinhamentos dos pilares para o lançamento das paredes, evitando inteiramente a presença de apoios alastrados no meio de salas de aula ou banheiros. Os edifícios a serem construídos seriam sustentados por pilares metálicos que envolveriam duas das faces dos pilares arruinados, o que permitiria “soltá-los” das paredes internas, mantendo parte de sua leitura preexistente. Os outros pilares, que ocupariam a parte norte da área do armazém, seriam consolidados e deixados como “totens”: sugestivamente “jogados” no pátio interno da faculdade – travados por vigas metálicas de aço corten, distribuídas em diversas alturas, simulando as antigas peças de madeira apodrecidas que amarravam originalmente a estrutura.

É claro que esta reelaboração da proposta original seria apenas uma solução paliativa para amenizar o grande dano causado pelo “desaparecimento” da Praça Pública das Ruínas do Trapiche – dano que comprometeria toda a lógica subjacente à proposta. Não obstante, se mantinha a ideia da intervenção contemporânea no interior das edificações, bem como três dos eixos diagonais de integração – agora exclusivamente voltados para um campus fechado em si mesmo (Figura 3).

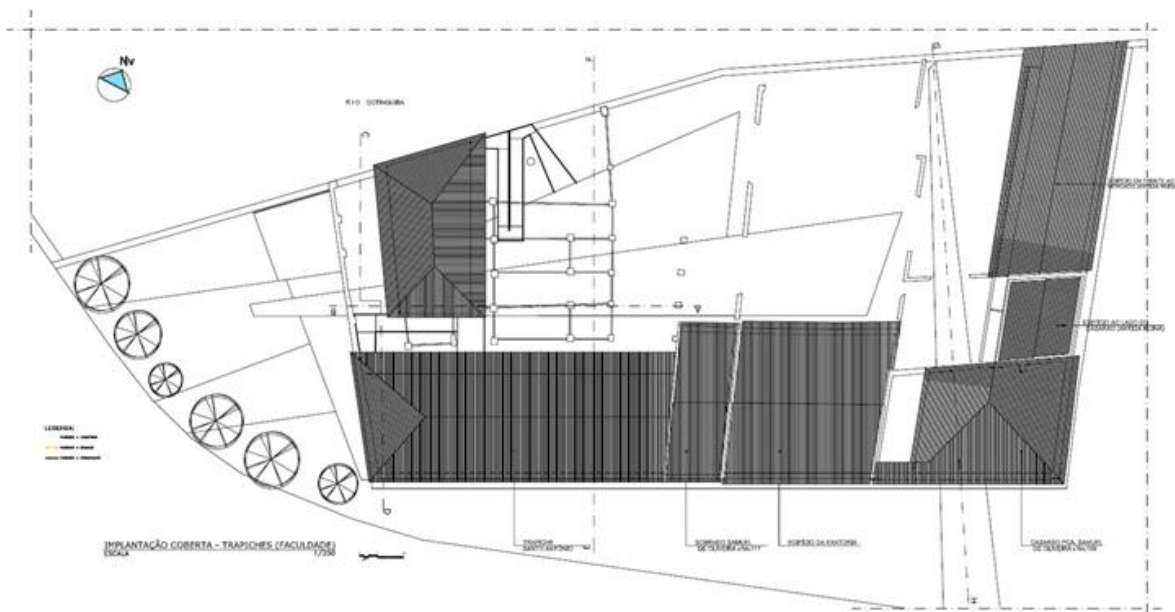
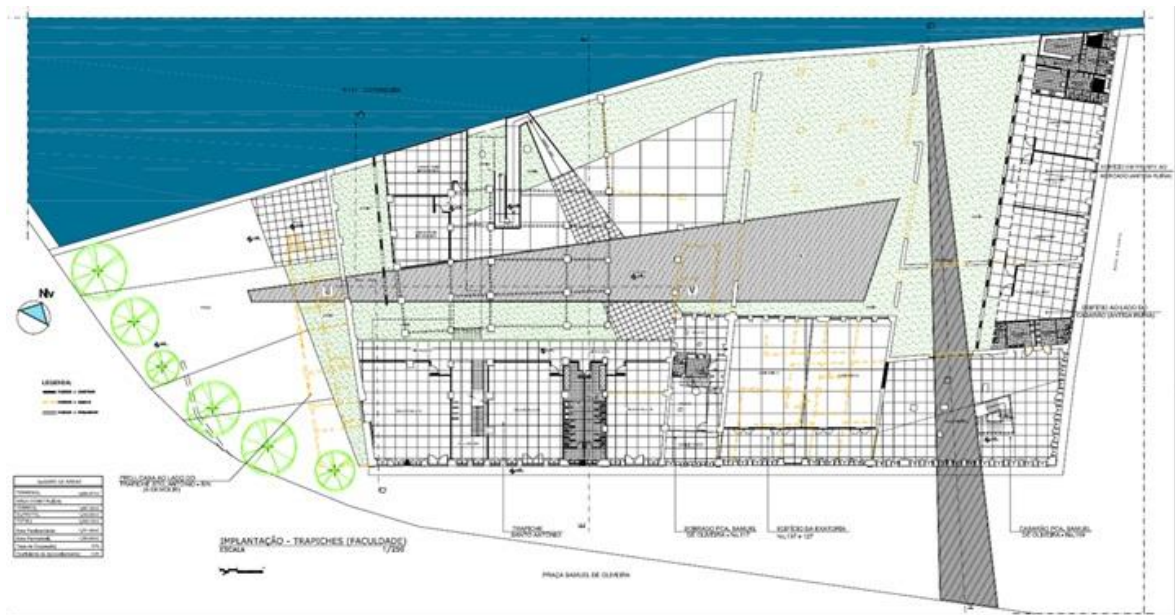


Figura 3: Planta do Térreo, Diagrama de Cobertura e Elevações do Quarteirão dos Trapiches – desenhos técnicos relativos ao segundo projeto de intervenção – já atendendo as exigências do IPHAN: eliminação do novo Pavilhão de Aulas, deslocamento das salas de aula para o Trapiche Santo Antônio para uma suposta reconstrução do grande armazém, destruição da Praça Pública dos Pílares. Fonte: Baeta, Oliveira (2003).

A REALIZAÇÃO DA OBRA E A DESCONFIGURAÇÃO DO PROJETO

Após a entrega do anteprojeto, amplamente revisado, ainda no ano de 2003, os arquitetos responsáveis pela sua idealização e desenvolvimento nunca mais seriam consultados sobre absolutamente nada referente a alterações, detalhamento ou realização da obra. Uma empresa terceirizada seria contratada para o desenvolvimento do projeto executivo⁵ (incluindo o projeto arquitetônico e todos os complementares).

Todo o processo de construção seria feito à revelia dos autores do projeto e o resultado que se vê hoje guarda só a essência da ideia original: o que restou ficaria totalmente diluído em soluções primárias de simplificação, bem como deturpação dos conceitos trabalhados em nome da proliferação de falsificações baratas, reproduções de uma suposta forma original irrecuperável – como atestaria as professoras Betânia Brendle e Natália Vieira: “O projeto final e obra foram repassados a outros profissionais e o resultado foi a produção de um pastiche de proporções gigantescas onde a imitação brutal do passado é colocada ao lado de soluções projetuais e construtivas muito pobres”. (BRENDLE, VIEIRA, 2010, p. 7)

Na verdade, as novas deturpações causariam a trágica fragmentação de toda a concepção inicial, culminando em uma cópia mal feita do passado, além de apresentarem um amontoado de expedientes arquitetônicos desconexos derivados da colaboração de inúmeros agentes que não demonstrariam nenhuma capacidade de avaliação conceitual, plástica e técnica para se intervir em um patrimônio de tamanha importância (entre contratantes, projetistas e construtores da obra), prevalecendo, mais uma vez, forças políticas e econômicas em detrimento do saber especializado, da arte e da história, na construção de cenários pasteurizados (Figura 4).

O CAMPUS DAS ARTES: NASCIMENTO E OCASO

O Campus da Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras foi fruto de um protocolo de cooperação entre a União, o Estado de Sergipe, o Município de Laranjeiras e a Universidade Federal de Sergipe, assinado pelo Ministro da Cultura,

⁵ Vale ressaltar que nesse momento houve uma reconfiguração na UEP com a saída da Especialista em Patrimônio – arquiteta e professora Juliana Cardoso Nery, que havia participado da Oficina de Planejamento e foi membro da UEP Laranjeiras desde a concepção do Perfil aprovado para implantação do Programa na cidade.

Gilberto Gil, em 16 de agosto de 2006 e proporcionado pela injeção de investimentos ofertados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) através do Programa Monumenta.

Foi o *Plano Nacional de Educação* – concebido pelo Governo Federal a partir de 2005, com o objetivo de expandir as instituições de ensino público superior – que possibilitou a implantação da unidade da UFS em Laranjeiras. Cinco cursos foram especialmente criados para lá pelo fato de serem carreiras que teriam, supostamente, afinidades artísticas, culturais e histórica com a tradição do município: Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo, Dança, Museologia e Teatro – contrariando a ideia inicial do acolhimento de um único curso de licenciatura, demanda explicitamente declarada pela comunidade local. O complexo foi chamado, conseqüentemente, de Campus das Artes.

A partir de 22 de março de 2007, enquanto as obras de implantação não terminavam, o campus funcionou provisoriamente nas instalações do Centro de Atenção Integral à Criança (CAIC), no Centro da cidade, tendo sua aula inaugural realizada em 28 de março do corrente ano.

Enquanto isso, as atividades necessárias à execução da obra para implantação do campus iam se encaminhando – naquele processo, já debatido, de descaracterização completa do projeto original.

Segundo Marta Maria Chagas, então Chefe da Divisão Técnica da 8ªSR do IPHAN, em entrevista concedida em primeiro de junho de 2017, decisões acerca dos cursos só foram tomadas no decorrer da execução das obras. Ou seja, muitas alterações foram necessárias à adequação dos espaços para atender a uma demanda muito superior àquela considerada pelos projetos desenvolvidos por Fernando Marcio de Oliveira e Rodrigo Baeta. Os cursos inseridos necessitavam de salas e laboratórios específicos, que foram sendo criados e readequados predatoriamente no momento de execução.

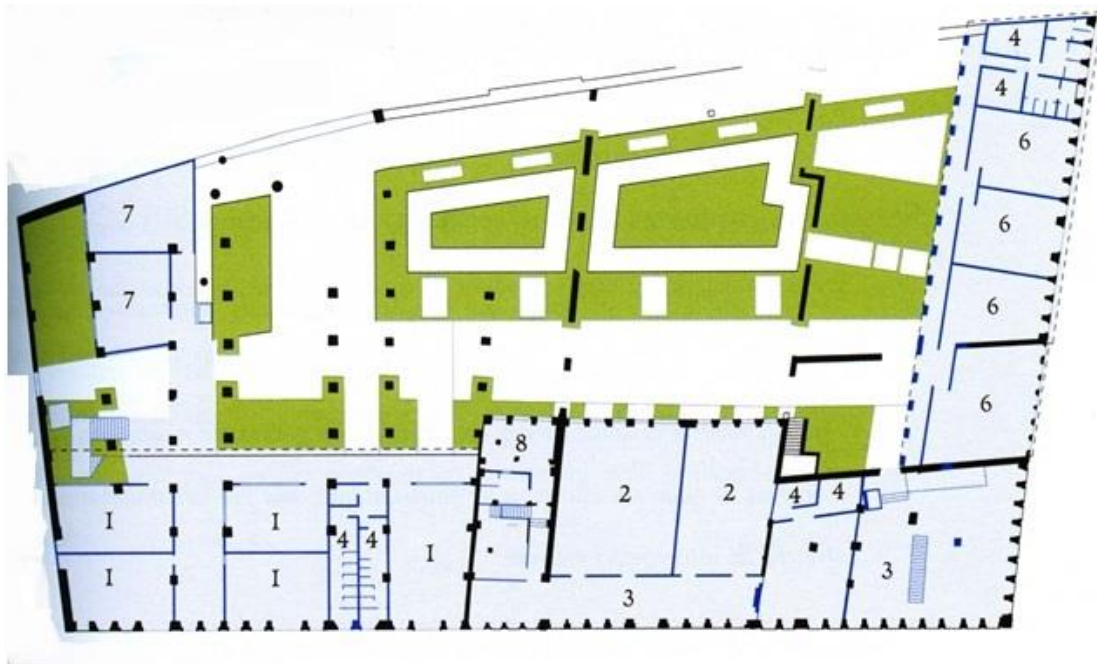


Figura 4: Acima. Planta do térreo da situação atual do Campus das Artes – após inúmeras alterações no projeto durante as obras. Abaixo: Fotografias do Campus das Artes. Notar o caráter encastelado da Praça dos Pilares. Fonte: Planta – Bonduki (2010, p. 259). Fotografias – Rodrigo Baeta, 2012.

As obras se iniciaram em fevereiro de 2008 e foram entregues em dezembro de 2009. De lá para cá, conforme depoimento do primeiro Diretor do Campus, Sr. Aírto Baptista: “As dificuldades foram imensas. Nós não tínhamos transporte para Laranjeiras. Havia cursos que encerravam as aulas às 22: 30. Foi uma luta muito grande, tudo foi sendo feito com muito sacrifício”. (Baptista *apud* AMARO, CARVALHO, 2017)

Durante aproximadamente os cinco primeiros anos de funcionamento do Campus das Artes nos espaços recuperados, foram muitas as ações da universidade junto aos parceiros buscando inserir novas linhas de ônibus para os estudantes, ofertar residências universitárias na cidade. Outras não foram atendidas, como a implantação de um restaurante universitário, melhor infraestrutura e garantia de segurança.

Segundo os discentes dos cursos de Museologia, Arquitetura e Urbanismo, Dança e Teatro que acamparam na Reitoria da UFS, no dia 4 de junho de 2014, a falta de diálogo e parceria entre a Prefeitura Municipal de Laranjeiras e UFS teria gerado o grande descaso com os universitários: “Faz sete anos que o campus está lá e não funciona direito, pois não temos espaço para as nossas atividades. Não temos um laboratório de maquiagem, iluminação e de cenografia. Era para termos um teatro e não temos nada disso. Estou cursando o oitavo período de Teatro e nenhuma providência foi tomada”, disse o estudante Thiago Santana (JORNAL DA CIDADE, 2014).

De fato, foi a falta de segurança que fez culminar, um pouco antes, uma onda de violência. A exposição quanto ao consumo de drogas pelos estudantes, as festas realizadas nas residências universitárias e a presença de uma comunidade mais “alternativa”, foram alguns dos motivos que fizeram com que a população tradicional local passasse a rechaçar os acadêmicos. O sonho de que a universidade poderia trazer algo de bom a uma cidade estagnada, passou a ser o pesadelo vivenciado pelos estudantes que sofreram atos de violência, conforme disse o discente Milton Leite: “A situação não pode ficar desta forma. Apenas neste ano quatro estudantes já foram assaltados, no último fim de semana colocaram uma arma na cabeça de um; é um absurdo”. (G1 Sergipe, 2014)

As aulas estiveram suspensas no período de maio a julho de 2014, quando o Conselho do Campus das Artes decidiu, em Assembleia, pelo retorno às aulas. No entanto – e apesar do um amplo debate entre a UFS e todas as esferas de poder público, com participação de estudantes, docentes e da administração da Universidade, debate através do qual foram firmados compromissos de aumento de efetivo policial para o município –, decidiu-se pelo fechamento dos cursos noturnos de Teatro e Dança no campus, que passaram a funcionar, provisoriamente, no Centro de Cultura e Arte (Cultart UFS), em Aracaju, bem como no Campus de São Cristóvão.

Os cursos de Arquitetura e Urbanismo, Museologia e Arqueologia continuam em atividade, mas sem resolução para os seus problemas de infraestrutura. As dificuldades para realização de intervenções nos imóveis na cidade, uma vez que são tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), aliada a não cessão de um terreno pelo município para a construção de um prédio, são ressaltadas como empecilhos às melhorias físicas do campus.

Segundo a então Presidente do Diretório Central dos Estudantes da UFS, Jessy Dayana, em sua fala ao Jornal da Cidade em 06 de junho de 2014, “nos demais municípios sergipanos, a prefeitura faz a doação do terreno e a universidade constrói, mas lá em Laranjeiras isso não existe e tem vários terrenos que poderiam ser utilizados. Os prédios já existentes não têm como fazer porque são tombados pelo Iphan”. (JORNAL DA CIDADE, 2014) Isso fez com que fosse solicitado, pelo Sr Gilson Rambelli, Diretor do Campus, autorização ao IPHAN para a implantação de salas de aulas provisórias, em containers, aos fundos de terrenos vazios na cidade.

Para além disso, o campus hoje tem muitos problemas de conservação. Desde a entrega da obra, há 10 anos, pouca ou nenhuma manutenção foi realizada, impossibilitando a utilização de alguns espaços.

Apesar de a maior tensão ter sido arrefecida com a saída dos cursos de Teatro e Dança, ter sido colocada uma linha de transporte coletivo da própria Universidade ligando Laranjeiras a São Cristóvão e a doação de um edifício da Prefeitura para à UFS ao lado da biblioteca (ainda sem uso por falta de recursos para as devidas adaptações para uso), a situação ainda requer atenção. Isso porque a diminuição de discentes na cidade levou à diminuição de oferta de comércio e serviço bastante incrementada pela implantação do Campus na cidade conforme previsto na proposta

do Programa. Somam-se à tal situação os impactos negativos impostos pela pandemia de COVID-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo esse texto, fica a pergunta: porque a proposta do Programa Monumenta Laranjeiras – a princípio tão celebrada e aclamada como um dos caminhos mais pertinentes para a recuperação do patrimônio em benefício da população local⁶ – está desmoronando? Será que as alterações realizadas na proposta inicial do projeto arquitetônico e seu destino original contribuíram para a atual situação de colapso?

Num olhar superficial, como foi visto, podem-se verificar muitas alterações que findaram por modificar substancialmente a proposta – o que leva a perguntar: Porque o agudo contraste entre o antigo e o novo, que tinha no ritmo e alcance das velhas aberturas seu principal elemento mediador, se transformou em uma desastrosa configuração de vigas retas que cortam arcos plenos desconfigurando completamente a leitura do organismo antigo? Porque as novas aberturas, antes cuidadosamente desenhadas em proporções que dialogavam por continuidade com a antiga modenatura, foram em parte substituídas por janelas horizontais sem a menor preocupação com a composição da fachada e seu impacto no conjunto? Porque a continuidade e fluidez de espaços amplos que permitiam um transitar ininterrupto pelos edifícios foi substituído por uma complicada e extremamente fragmentada articulação espacial que retalhou por completo o espaço, em uma distribuição-circulação confusa, perigosa e truncada? Porque um espaço tão atrativo e instigante como a praça dos pilares se tornou tão inóspito, povoado por gigantes de pedra com muletas brancas? Porque os materiais utilizados nos acabamentos parecem completamente inadequados, já que com cerca de dois anos da entrega das obras, já se encontravam em visível processo de degradação? Será que a mudança de um único curso, voltado para o perfil da população, para cinco cursos de certa maneira estranhos a tal perfil não foi o epicentro gerador tanto de parte significativa da insatisfação denunciada por discentes e docentes universitários com

⁶ Duas publicações recentes, muito importantes, teceram imensos elogios à proposta. Em 2010 foi publicado o livro de Nabil Bonduki sobre o Programa Monumenta, intitulado *Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos*. O projeto do Quarteirão dos Trapiches viria a ser a capa do livro. (BONDUKI, 2010) Também em 2012, o projeto foi um dos poucos escolhidos para compor o número 224 da revista AU, volume especial que versou sobre o melhor da produção da arquitetura contemporânea do Nordeste: *Fernando Oliveira e Rodrigo Baeta assinam projeto de restauro e de readequação de antigos armazéns para receber um campus da Universidade Federal de Sergipe, em Laranjeiras*. (FRAJNDLICH, 2012)

o Campus de um lado, como para o completo distanciamento e acirrada tensão entre a população local e os acadêmicos de outro?

Parece acertada a estratégia de se investir em uma proposta que não visasse direta e exclusivamente o turismo, em prol da implantação de uma universidade que geraria grande impacto e possibilitaria, a longo prazo, uma sustentabilidade para a cidade. Ou seja,

“[...] a grande aposta estava no fato de que a nova dinâmica urbana decorrente do impacto da instalação do campus, com o potencial econômico e cultural inerente, pudesse criar um processo de recuperação e preservação sustentável do patrimônio edificado do sítio, rompendo o ciclo de abandono que o mesmo sofrera por mais de um século”. (BONDUKI, 2012, p. 256)

No entanto, com o passar dos anos, uma rápida avaliação nos estimula a propor que os impactos sociais suscitados pela inserção dos novos atores, tenham gerado grandes problemas à dinâmica da cidade, fazendo com que os acadêmicos sofressem com a rejeição por parte dos atores locais. Isso impossibilitou a concretização das perspectivas da instalação da Universidade.

A Praça dos Pilares, que seria o lugar pensado para a natural convivência entre a população local e os estudantes (que também seriam em parte oriundos dessa população), se tornou, a partir da primeira revisão do projeto, um local encastelado – completamente fechado e alheio à cidade. Fica mais uma pergunta: será que essa configuração espacial também não contribuiu para a rejeição por parte da população do grupo de estudantes que invadiram a cidade e se isolaram no campus?

Para além disso, os cinco cursos implantados no lugar do curso de licenciatura geraram ainda maior distância da comunidade local por terem trazido uma demanda e um público completamente alheios à população da cidade. E como não poderia deixar de ser, o espaço construído se tornou, obviamente, inadequado e incapaz de atender, devidamente, as necessidades dos novos cursos. Interessante como a demanda por um novo edifício aparece constantemente nos relatos dos gestores do Campus das Artes – organismo que era previsto no primeiro projeto e foi rechaçado, em um segundo momento, pela então diretoria da 8ª Superintendência Regional do IPHAN.

Contraditoriamente, em seu aspecto final, o conjunto terminou por parecer cenografia para o turismo na celebração do espetáculo do capital. A solução se revelou física e socialmente fechada em si mesma, com pouca ou nenhuma interação direta com a comunidade, numa organização arquitetônica enclausurada. Materializa no espaço o drama da relação entre o patrimônio construído e a comunidade laranjeirense, numa paródia triste à correnteza já débil do Cotinguiba: algo que deixa pouco e vale mais para aqueles que somente estão de passagem.

Infelizmente, o que se vislumbra, atualmente, são restos desconexos de um ideal não realizado que apenas numa visão quixotesca pode se aproximar da primeira concepção. Dos embates da primeira proposta descartada pelo órgão fiscalizador, às modificações durante a execução da obra, cujo projeto executivo foi realizado por outrem, muito se perdeu ou foi irremediavelmente danificado. Assim, depara-se com a necessidade de reflexões mais detidas sobre a nebulosa que insiste em separar o pensamento teórico da prática construtiva, os descompassos e descontinuidades, que nesse caso de Laranjeiras terminaram por transformar pequenos ajustes em enormes mudanças. Talvez enfrentar as discrepâncias e desacertos seja importante para fornecer indícios que permitam maior aproximação desse considerável hiato entre a concepção e a realização de uma intervenção em preexistências consolidadas e de interesse de preservação.

Obviamente, ninguém aqui é nem ingênuo nem pretensioso o suficiente para acreditar que apenas a melhora da qualificação técnica dos envolvidos seria suficiente para solver o abismo que existe hoje, em Laranjeiras e no Brasil, entre teoria e prática nas intervenções sobre nosso patrimônio construído, cujas decisões se dão bem mais no plano político e econômico (e algumas vez estritamente pessoal) que propriamente arquitetônico e urbanístico. Mas, parece sim um ponto crucial e decisivo para fomentar as discussões.

Outras questões subjacentes também devem compor a reflexão: Como se dá a contratação- substituição dos profissionais responsáveis pelos vários papéis no decorrer do processo, desde os estudos e dossiês para implementação de programas dessa natureza, à execução final dos projetos arquitetônicos e urbanísticos? Em que bases se estabelecem os embates entre os agentes propositivos e os agentes fiscalizadores (em especial o IPHAN)? Deve haver outros balizadores para avaliação das decisões projetuais em intervenções em bens

patrimoniais? Qual a importância da qualidade arquitetônica e/ou urbanística das propostas para o patrimônio? Como se deve dar essa avaliação qualitativa? Como se dá a responsabilidade e comprometimento com os investimentos públicos em processos que acometem somas consideráveis em propostas que podem facilmente ser descartadas, desconsideradas ou alteradas sem consulta a seus autores? Como ficam os direitos autorais e a ética nesses casos? Quais as implicações da substituição de alguns ou vários dos profissionais envolvidos, causando certa ou grande descontinuidade no transcorrer geralmente longo de todo o processo? O que prevalece em convênios dessa natureza, onde o maior fomentador é um organismo financeiro internacional? Qual a tangência entre preocupações patrimoniais, políticas e econômicas, capaz de equilibrar tais interesses para que os bens culturais não apenas sobrevivam, mas vivam dignamente? Como resolver os entraves suscitados pelo modelo de intervenção que se diz sustentável, mas não realiza uma investigação mais profunda do que propiciaria a sustentabilidade em cada local? Como prever a preservação de áreas e/ou cidades sem o envolvimento efetivo da maior parcela de atores envolvidos – no caso, a população local? O que é possível ser feito, nesse momento para conter o grande abismo que se colocou entre a população e os grupos de estudantes? Como rever a integração das esferas de gestão comprometidas no processo em prol de reverter a situação integrando a população à Universidade?

REFERÊNCIAS

AMARO, Luiz; CARVALHO, Dayane. **Campus de Laranjeiras relembra as histórias dos seus 10 anos de implantação.** Aracaju: UFS, 2017. Disponível em:

<http://www.ufs.br/conteudo/56608-campus-de-laranjeiras-relembra-as-historias-dos-seus-10-anos-de-implantacao>

BAETA, Rodrigo; OLIVEIRA, Fernando Márcio de. **Projetos arquitetônicos de intervenção do Programa Monumenta Laranjeiras.** Aracaju: Universidade Tiradentes, 2003.

BID; PROGRAMA MONUMENTA. **Missão de Identificação. Programa de recuperação do Patrimônio Cultural.** BID: Brasília, 1996.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos.** Brasília: IPHAN / Programa Monumenta, 2010.

BRENDLE, Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti, VIEIRA, Natália e TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. Patrimônio ao léu. **Destruição oficial nos centros de Laranjeiras (SE) e São José do Mipibu (RN).** In: Anais do II URBICENTROS. Maceió: UFAL, 2011.

BRENDLE, Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti, VIEIRA, Natália. Ruína não se restaura. A re-invenção do Quarteirão dos Trapiches de Laranjeiras. In: **Anais do III Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FRAJNDLICH, Rafael Urano. Fernando Oliveira e Rodrigo Baeta assinam projeto de restauro e de readequação de antigos armazéns para receber um campus da Universidade Federal de Sergipe, em Laranjeiras. In: **Revista AU.** São Paulo: Pini, n. 224, 2012. p. 42-47.

G1. Sergipe. **Universitários acampam em reitoria da UFS e realizam protesto.** Eles protestam contra insegurança e falta de transporte público. Aracaju: 2014. Disponível em:

<http://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2014/02/universitarios-acampam-em-reitoria-da-ufs-e-realizam-protesto.html>

JORNAL DA CIDADE. **UFS transfere oito cursos de Laranjeiras.** Ausência de laboratórios, professores e transporte público seguro são algumas dos problemas apresentadas pelos manifestantes. Aracaju: Jornal da Cidade, 2014. Disponível em:

<http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/227/66299/ufs-transfere-oito-cursos-de-laranjeiras.html#.WTV3GYWcGUI>

LEÃO, Lícia Cotrim Carneiro. **O espaço livre público e a visão da paisagem.** O caso do centro histórico de Laranjeiras. Dissertação de mestrado apresentada à FAU USP. São Paulo: FAU USP, 2011.

MINGUILLO, Miguel. **Planejamento de Projeto Orientado por objetivos.** Florianópolis: Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, s.d.

PROGRAMA MONUMENTA. **Relatório da Oficina de Planejamento.** Projeto Laranjeiras / SE. Unidade Central de Gerenciamento do Monumenta: Laranjeiras, 2002.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.